

* Entrevista

Internet: *Working in Progress*

Por Isabel Levy Sobreira

Jornalista especializada em Ciência e Saúde, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (PPGICS/Icict/Fiocruz), onde desenvolve projeto de pesquisa sobre modelos de comunicação e saúde no ciberespaço.

bel.levy@uol.com.br

DOI: 10.3395/receis.v6i4.693pt

Meio de comunicação, ambiente de interação, linguagem inovadora. Tão difícil quanto definir, sob uma única perspectiva, o novo objeto de investigação que a internet apresenta ao campo da Comunicação é eleger os aparatos teóricos e metodológicos para esse tipo de pesquisa.

Na intenção de buscar algumas respostas para essas questões e de contribuir para o debate, conversamos com pesquisadores brasileiros e estrangeiros que se dedicam ao tema. Nesta entrevista, o espanhol Carlos Scolari, a argentina Sandra Valdetaro e os brasileiros Henrique Antoun, Antônio Fausto Neto e Raquel Recuero discutem as transformações geradas pela internet no sistema midiático, em nossas vidas e nas pesquisas sobre Comunicação e apontam perspectivas teóricas e desafios metodológicos na área.

A conversa foi durante o III Pentálogo do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (Ciseco), que ocorreu de 17 a 21 de setembro de 2012, em João Pessoa, na Paraíba, com o tema "Internet: Viagens no Tempo e no Espaço". Os pesquisadores foram convidados a considerar duas questões:

1. Quais as teorias da comunicação que contribuem para a compreensão dos novos cenários e dinâmicas propiciados pela internet e suas redes sociais online?

Carlos Scolari - Um caminho possível é o diálogo entre a Semiótica e a Ecologia dos Meios – uma relação aparentemente contraditória, mas que podemos considerar se entendermos os meios de comunicação como dispositivos semióticos. Parecem abordagens inconciliáveis, mas a questão que se coloca nesta interseção é sobre os meios e as mensagens. Trata-se de uma "semiótica da interface", em que o meio também se torna parte da mensagem.

As duas abordagens teóricas nasceram nos anos 1960, com Roland Barthes, na França, e com Marshall McLuhan, no Canadá e Estados Unidos, respectivamente. Para a Semiologia, o importante é a mensagem – aí está a ideologia oculta, para Roland Barthes e os pensadores italianos. Para a outra corrente, o que interessa é o meio. Para Marshall McLuhan, daria no mesmo se Gutenberg imprimisse a Bíblia ou o Corão – o relevante, o que transformou a sociedade, foi o então revolucionário suporte do livro. Do mesmo modo, o que transformou a

sociedade no século passado foi o ato de assistir à televisão – e não, necessariamente, o conteúdo dos programas. Em outras palavras, não é o mesmo ler “O Conde de Montecristo” em livro ou em fascículos semanais publicados pela imprensa. O significado da obra e a experiência da leitura mudam, mesmo que o conteúdo seja o mesmo.

O enfoque da Ecologia dos Meios já tem 30 anos, mas ainda não atingiu um ponto de maturação teórica, isto é, a fase pós McLuhan ainda não concluiu a formulação de uma teoria. Ter uma teoria significa ter claro até aonde chegamos, o que **não é** Ecologia dos Meios, definir um dicionário próprio, uma metodologia – fazer o que fez a Semiótica. A Semiótica já passou por este processo, tem um dicionário, há vários enfoques diferentes, mas metodologicamente está tudo muito bem desenvolvido. Para a Ecologia dos Meios ainda falta amadurecimento. Por isso, este é um campo interessante, fundamental para entender toda essa grande mudança no sistema midiático, propiciada pela internet. E estamos trabalhando nisso.

É importante destacar que, como a Ecologia dos Meios é anterior à popularização da internet e da web como as conhecemos hoje, esta abordagem teórica também nos apresenta uma perspectiva evolutiva. É um marco teórico que nos permite analisar toda evolução do sistema midiático – e como ele interagia com os sistemas econômico e cultural – e, ao mesmo tempo, sob a perspectiva ecológica, observar o que está acontecendo hoje. Novas espécies midiáticas estão surgindo, como o Twitter, o Facebook e o Youtube, que têm poucos anos de vida. Um biólogo trabalha investigando novas espécies – o mesmo acontece com o comunicador. Por isso a Ecologia dos Meios é tão interessante. Estamos em um momento importante para se estudar a comunicação e este é um caminho para compreender todo esse processo.

Sandra Valdettaro - Para o estudo da internet e das associações em rede propiciadas por ela, eu me guio pelo livro “Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede”, de Bruno Latour. Além deste marco teórico, também é fundamental a abordagem da Semiose Social, de Eliseo Verón, Mario Carlón e outros semiólogos, que contribuem para analisar essa linguagem em que se constituem as redes sociais. Também há abordagens da Filosofia e da Sociologia para se especificar que tipos de laços sociais vão se formando nestas associações em rede. Ao meu ver, é preciso constituir um corpus de teorias de distintas procedências, em âmbito interdisciplinar, para analisar essas questões. Não podemos trabalhar com apenas um ponto de vista porque a internet nos apresenta fenômenos muito complexos, com muitas variáveis, dimensões e diferenças. Cada campo do conhecimento pode contribuir com um ponto de vista que, com outros pontos de vista, pode nos aproximar de uma explicação mais adequada. É um trabalho interdisciplinar, uma combinação de teorias e métodos.

Outra discussão que me interessa diz respeito ao conceito de rede social, que é muito amplo. Além disso, o termo “social” pressupõe que a sociedade já tomou uma forma determinada. Mas me parece que não é bem assim. Dentro do que chamamos “rede social” há muitas questões. Então, prefiro o termo “associação em rede”, porque as pessoas se unem em rede, pela web, de distintas maneiras e por diversos motivos. Como pesquisadores, temos que investigar quais são os laços, os vínculos que se formam – e quais as razões desses vínculos. Uma coisa são os grupos formados por amizade, outra os formados por gosto musical, pela moda, por questões de saúde, por posicionamentos políticos. O que me interessa, como

pesquisadora, é especificar do que se trata, cada vez que falamos em “redes sociais”, pois para mim este é um conceito muito amplo e muito genérico, que por si só não me diz nada.

Henrique Antoun – É preciso explorar melhor o caráter conversacional e comunicacional da internet e tomar maior distância do caráter informacional da comunicação. Do ponto de vista do ciberativismo, a internet opera através dessa dimensão conversacional, que é o que faz as pessoas habitarem a internet como um ciberespaço e a utilizarem como uma cibercultura. E esse caráter conversacional é muito pouco explorado por abordagens centradas no texto, que consideram, entre outros aspectos, a escrita, o estilo. A conversação está muito mais próxima da oralidade – mesmo que a internet não seja oral – e de elementos de sincronidade e de luta comum. Então, para melhor compreender o que se processa atualmente na web, temos que pensar quais elementos podem operar a partir de uma perspectiva conversacional – que é mais relacional que técnica.

A internet permite a possibilidade de sair da perspectiva da informação para isso que estou chamando de conversação. Quiméricamente, é como se dividíssemos a informação e a comunicação como elementos diferentes. É quimérico, porque é muito difícil encontrar uma sem a outra. Nesse aspecto conversacional, a comunicação excede toda a informação transmitida e vale justamente como comunicação. A informação, por si só, não te dá a menor dimensão do que está acontecendo. É a própria conversação, a própria comunicação, a própria intensidade da comunicação que é o grande elemento.

É sobre essa dinâmica da conversação que precisamos aprofundar nossos estudos e é justamente neste ponto que as grandes instituições tropeçam: ao apostarem no caráter informacional da comunicação. E isso acontece porque da informação pode-se ser o proprietário, pode-se tentar possuir, esconder, calar a boca dos outros. Esse caráter informacional está sempre do lado da mídia de massa e, na internet, se tenta, sem cessar, fazê-lo valer. Mas aí o *Wikileaks* vaza documentos oficiais; os Anônimos *hackeiam* sites privados. Esses processos de transformação do modo como lidamos com a informação colocam a própria informação como um dado do processo conversacional. Quando um documento é vazado, aquela informação assume o caráter conversacional da comunicação. Não há mediação: não é um jornalista que está falando algo; é o próprio algo que está falando de si. E isso significa a quebra do monopólio da informação.

Fausto Neto – É importante darmos conta de que existe uma demanda à Semiótica acerca dos fenômenos de funcionamento da internet. Nem todas as respostas são dadas pelas próprias teorias intrínsecas sob as quais repousam descrições sobre as redes, mas é preciso buscar em outras disciplinas, como a Semiótica, certas possibilidades, declarar algo mais sobre a existência desse fenômeno. A internet estabelece novas perguntas para as metodologias da Comunicação. É uma situação análoga à de algumas décadas atrás, quando as campanhas eleitorais movidas a imagens estipularam novas perguntas à análise de discurso de fundo verbal. Todas as metodologias dos discursos sociais se viram em crise, porque não tinham os instrumentos para dar conta disso. Parece ser a mesma coisa que está acontecendo agora. Muitos colegas enfrentam essa questão porque as marcas do funcionamento do discurso estão dentro dessa ambiência – e é um outro processo de operação e de produção; de episteme, de

lógica, de funcionamento. Isso tem um impacto sobre a análise de discurso, como teoria e como método, e sobre os conceitos que nós vamos enfrentar e eleger para dar conta dessa nova discursividade.

Raquel Recuero - Penso que todas as teorias contribuem de alguma forma para o estudo da internet, pois fornecem subsídios para uma visão maior ou mais complexa a respeito do fenômeno. Por exemplo, podemos analisar os signos que são produzidos nas conversações nos sites de rede social (como o Facebook) e tentar compreender como eles refletem, de alguma forma, discursos violentos que estão presentes na nossa sociedade. Essa é uma das pesquisas que meu grupo desenvolve na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), a partir de uma abordagem que utiliza diferentes focos teóricos e metodológicos, como Semiótica, Análise da Conversação, Análise de Redes Sociais, dentre outras. É nesse sentido que me parece relevante dizer que todas as teorias contribuem de alguma forma. Cada foco proporciona uma diferente visão do fenômeno e auxilia na compreensão de sua complexidade.

2. Quais os principais desafios metodológicos que a Internet – sobretudo suas redes sociais online – apresenta ao campo da Comunicação? Quais os caminhos para superá-los?

Carlos Scolari – Há uma tradição de estudos quantitativos na Comunicação, seguindo a Sociologia tradicional, de se trabalhar com amostras. O que está acontecendo agora, que é muito importante, é o estudo de dados, de muitos dados – os chamados *big data*. Há uma tendência muito forte para que todos os campos do conhecimento, todas as disciplinas, trabalhem com isso. A Internet e a comunicação móvel geram milhões de dados, mas não se pode reduzir a pesquisa somente à obtenção dos dados, há que interpretá-los, e aí entra a abordagem qualitativa. É interessante porque muitos aspectos da interação entre milhões de pessoas podem ser visíveis em gráficos tridimensionais: podemos ver modelos comuns e identificar padrões que emergem desse sistema complexo. E é essa tendência à análise dos *big data* o grande desafio metodológico que os estudos de Comunicação e das Ciências Sociais devem assumir hoje. Para alguns pesquisadores, isto representa uma invasão grosseira de métodos alheios a este campo do conhecimento. Para outros – dentre os quais eu me incluo – trata-se de uma excelente oportunidade para expandir o nosso olhar sobre os meios de comunicação sem abandonar nossas ferramentas tradicionais.

Sandra Valdetaro – A internet coloca muitas questões, muitas dúvidas aos pesquisadores, porque não entendemos diretamente o que as pessoas estão expressando nos fóruns, nas distintas ferramentas da internet. Então, é necessária uma abordagem discursiva, semiótica; é preciso entender que a internet é uma linguagem, adotar um conceito do que é linguagem e a partir daí reconstruir os imaginários e as representações que estão na web. Depois, reunir um conjunto de materiais para analisar, que esteja bem organizado. A vantagem é que já temos, ao estudar a internet, a tela. A desvantagem é que é preciso especificar o que seria uma tela: quem são os sujeitos que aparecem nesta tela – que são sujeitos figurados, não são sujeitos empíricos reais. E a partir daí começar a identificar os imaginários que vão construindo

vínculos na internet. Sempre fazendo hipóteses, porque há sempre muita distância, mais do que com os sujeitos empíricos de verdade. Todos esses são desafios para a pesquisa da internet. É preciso ter cuidado, porque cada instante é uma tela. Há muitas operações do discurso que se montam na internet – aí está toda a opacidade da linguagem – e a partir disso podemos inferir, mais ou menos, qual é o imaginário social sobre um determinado tema.

Henrique Antoun – Atualmente está sendo muito utilizada a análise de redes sociais como caminho para se chegar ao nível dos metadados. A análise de redes sociais revela dados sobre os dados, na medida em que opera geometricamente os nós e as arestas em termos de peso, direção, conteúdo. A abordagem qualitativa, na dimensão de análise de redes sociais, precisa encontrar algoritmos – do Google, do Facebook ou do sistema em questão. O importante é saber de que modo é possível aproveitar o metadado para implementar transformações não apenas inovadoras, mas libertadoras. Isso também está em curso: a todo momento, os movimentos cibernéticos inovam na área de exploração dos metadados. No caso da saúde, seria preciso estabelecer uma conexão entre os esforços atuais que esses movimentos fazem e os interesses daqueles que trabalham com saúde, em relação aos resultados que podem ser obtidos pela análise de redes sociais, por meio do acesso aos metadados. Só isso poderia diminuir o peso do caráter prescritivo da medicina e tornar, ao mesmo tempo, o caráter enunciativo algo que não se contraponha àquilo que chamamos de “tratamento” – que longe de ser uma mera narração é uma prescrição.

Fausto Neto – Ao se converter em meio, a internet gera a especificidade de um objeto para um campo, que é o campo da Comunicação. E, particularmente, ela cria dois desafios. O primeiro diz respeito sobre como esse campo irá adotá-la como fenômeno, como objeto; o desafio de como o campo da Comunicação vai enfrentar a instalação desse objeto dentro de sua rotina acadêmica e investigativa. Em segundo lugar, esse desafio é algo absolutamente imprevisto: não podemos jamais estimar em quê esta nova situação da Comunicação vai resultar, porque as metodologias requeridas para estudar esses fenômenos são todas tão emergentes quanto o próprio objeto. Isso significa dizer que nós somos cobaias da internet, assim como ela também é cobaia de nós mesmos. Significa, igualmente, que este é um processo circular. À medida que uma tese nasce hoje, em poucos meses, em um ano, esse problema estará modelizado e afetado por novas mutações que vão se agregando ao fenômeno “internet em desenvolvimento”. Significa dizer que a construção da pesquisa enfrenta, hoje, além da temporalidade intrínseca do calendário universitário, a temporalidade intrínseca do próprio fenômeno da internet. Isso terá um impacto muito forte sobre os estudos da área, principalmente para os que elegem a internet convertida em meio como objeto de pesquisa. Isso é muito importante e nós temos que saber como tirar partido disso, como eleger protocolos e procedimentos de estudo, promover diálogos entre os pesquisadores, para que possamos gerar um capital intelectual que possa repercutir – também em tempo real – no andamento das nossas pesquisas. É uma realidade ao mesmo tempo desafiadora e maravilhosa, porque é um momento único na história da produção do conhecimento.

Raquel Recuero – Em princípio, eu diria que temos um grande desafio: desenvolver abordagens que tragam focos qualitativos e quantitativos conjuntamente e que nos auxiliem a perceber as práticas que emergem nessas redes de um ponto de vista não apenas horizontal, mas igualmente vertical. Do lado da Comunicação, temos uma série de abordagens que são tradicionalmente qualitativas e com as quais temos trabalhado constantemente. Porém, creio que falta também um foco mais quantitativo, que permita construir compreensões maiores e mais gerais a respeito dos efeitos e impactos dessas práticas no Brasil e nas gerações que estão se construindo como "nativas digitais".

Miniperfil de cada entrevistado:

Carlos Alberto Scolari

Doutor em Linguística Aplicada e Linguagens da Comunicação pela Universidade Católica de Milão, na Itália, é professor titular do Departamento de Comunicação da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, na Espanha. Dedicou-se ao estudo dos meios digitais de comunicação e da nova ecologia midiática, a partir de uma perspectiva semiótica. Saiba mais em: <http://hipermediaciones.com/>

Sandra Valdettaro

Doutora em Comunicação pela Universidade Nacional de Rosario, na Argentina, atualmente é diretora do Departamento de Comunicação da Faculdade de Ciência Política da Universidade Nacional de Rosario. Atualmente dirige o projeto "Interfaces em telas: mapas e territórios (celulares, computadores e televisões)", que propõe a análise do funcionamento semiótico das telas no atual estágio de midiatização, em relação com a construção de imaginários, representações e laços sociais. Saiba mais em <http://interfacesypantallas.wordpress.com/>

Henrique Antoun

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador do Grupo CIBERIDEA - Núcleo de pesquisa em tecnologia, cultura e subjetividade. Coordena o projeto de pesquisa "Mediação e mobilidade: comunidades virtuais, dispositivos móveis de comunicação e o futuro da democracia na cibercultura", sobre o papel das comunidades virtuais e as novas formas de organização dos movimentos sociais, em sua correlação com a estrutura da Internet, para as práticas democráticas. Saiba mais: <http://governabilidade.blogspot.com.br/>

Antônio Fausto Neto

Doutor em Ciências da Comunicação e da Informação pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, na França, e com estudos de pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, lidera os grupos de pesquisa Midiatização e Processos Sociais e Midiatização das Práticas Sociais, da Universidade do Vale do Rio Sinos (Unisinos), no Brasil. É cofundador da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e autor, dentre outros,

dos livros "Mortes em derrapagem", "O impeachment da televisão", "Desconstruindo os sentidos", "Lula Presidente - Televisão e política na campanha eleitoral" e "O mundo das mídias".

Saiba mais: <http://lattes.cnpq.br/6946599956105105>

Raquel Recuero

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é professora e pesquisadora da Universidade de Pelotas (UCPel) e pesquisadora-colaboradora do Center for Society and Cyberstudies e do Digital Media and Learning Research Hub. Atua como consultora em mídia social, nas áreas de pesquisa, planejamento, desenvolvimento e monitoramento. Já trabalhou com empresas como Google, MySpace, Lolapps, AG2 dentre outras. Publicou "Redes Sociais na Internet", "Métodos de Pesquisa para a Internet" e "Conversações em Rede". Saiba mais: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/>.